

# In Limine Mortis

*por Bastien Ducasse*

“Não diria que tenho a vida que queria, aquela com que sonhava. Mas foi aquela que escolhi. Talvez por não ter visto mais opções ou, talvez, por não me ter esforçado para as ter. Mas não quero que pensem que me arrependo, até porque acabei por descobrir algum conforto naquilo que faço. De certa forma, é uma profissão ingrata mas ao mesmo tempo é uma das profissões onde se pode experienciar a maior gratidão possível. Passo a explicar:

Sou tanatopractor. Sim, é uma palavra cara mas, resumindo muito, aquilo que faço é atrasar o processo de decomposição de um corpo. Morto, claro. Isso e certificar-me de que a pessoa vai para o seu próprio funeral apresentando a “melhor” versão de si mesma.

O meu pai morreu quando eu tinha quatro anos, portanto pouco ou nada me lembro dele. Quem ajudou muito a minha mãe a cuidar de mim foram os meus avós, e o meu avô sempre teve um carinho especial por mim, provavelmente por ter sido pai de uma filha única. Quando a minha mãe adoeceu, e eu tive de ir trabalhar para ajudar com as despesas, foi o meu avô quem me abriu as portas da funerária e me incentivou a ajudá-lo. É claro que teimei, nunca sequer tinha pensado em trabalhar numa casa funerária. Quem é que pensa? Mas a verdade é que tive de o fazer. Nessa altura andava metido com algumas más companhias e já tinha sido apanhado com substâncias ilícitas, quase sempre durante o horário escolar, portanto não tive grande escolha senão ir trabalhar com o meu avô.

Ele sempre viu algo de bom em mim, sempre foi muito otimista e eu nunca percebia bem o porquê. Até, lá está, começar a trabalhar com ele. O meu avô fazia de tudo, era uma espécie de agente funerário em esteróides. Tinha fundado a agência com um grande amigo e sócio dele mas, por culpa do destino, esse mesmo sócio acabaria por se tornar um dos seus “clientes”. Nada há de mais certo na vida. E falo de “destino” sem acreditar realmente nele. Não sei se, de facto, estamos destinados a algo. A morrer, com certeza, mas a crença no destino sempre me soou a sinónimo de uma crença nalgo mais. Mas estou a divagar... Voltando atrás, o meu avô tratava de tudo, fosse o que fosse. Era ele que organizava a cerimónia, era ele que coordenava as transladações do corpo (as que conseguia, claro), era ele quem conduzia o carro fúnebre e, na maioria das vezes, era ele quem dava os remates finais na aparência dos defuntos. Isto porque, de vez em quando, lá ia a minha avó maquilhar as mulheres. Quase todas as mulheres eram maquilhadas pela minha avó que, mesmo contrariada, fazia a vontade ao meu avô, que dizia não se sentir bem ao ver uma senhora já para lá das suas horas. Talvez para não perder esse otimismo de que vos falava.

Como tinha que lidar constantemente com pessoas enlutadas, o meu avô parecia a própria fonte do positivismo. Extremamente necessário numa altura destas e sempre comedido. O meu avô tinha um entendimento muito grande do ser humano. Sabia sempre o que dizer e quando o dizer. Poderia ter sido um manipulador exímio, mas não era essa a sua natureza. Gostava de ajudar, de se sentir bem consigo mesmo e grande parte desse sentimento provinha do quão bem conseguia que aqueles à sua volta se sentissem.

Por minha vez, não sou assim. Sempre tive algumas fragilidades no que diz respeito ao contacto humano. Não só físico, mas também. A minha mãe preocupava-se muito, achava que não era benéfico passar tanto tempo sozinho, dizia que tinha que fazer amigos, porque a vida não se faz sem eles. E, de certa forma, compreendo. Cada vez se torna mais fácil identificar os amigos do defunto num funeral. Normalmente são aqueles que mais estão a sofrer, mas que não se enquadram com o resto da família. É uma conjectura fácil de fabricar, mas na qual muita gente não pensa. Talvez porque não seja importante, tendo em conta as circunstâncias, mas não deixo de o achar curioso. Já pensei várias vezes em como será o meu funeral. Se aparecerá alguém, de todo. Não é que me sinta sozinho, mas sei que o estou. A minha mãe chegou a pensar se eu não teria algum tipo de autismo, mas nenhum médico o conseguiu confirmar. Acho que sou apenas solitário, e não há mal nenhum nisso. Vivo bem assim, consigo entreter-me sozinho.

No entanto mantém-se a questão: Será que aparecerá alguém no meu funeral? Alguém terá de aparecer, com certeza, não me enterrarei sozinho mas... Será que alguém se preocupa comigo ao ponto de retirar algum tempo do seu dia para me ver, nos meus últimos momentos à superfície? Será que o tanatopractor (ou a tanatopractora) fará um bom trabalho? Porque não imagino alguém a fazer este trabalho senão eu.

Não precisei das aulas do meu avô neste quesito. Sempre me considerei um bom observador, consigo perceber onde reside a vida das pessoas. Não é fácil, no entanto. Os olhos são a nossa maior fonte de vida e, como sabem, os defuntos não se mantêm de olhos abertos. Portanto é sempre preciso procurar outra qualquer fonte de vida na face de alguém. Podem ser as bochechas, que eram mais levantadas e mais rosadas do que se encontram agora; pode ser a boca, o sorriso; muitas das vezes, até as rugas tento "esticar". Nunca é apenas uma questão de apresentar uma pessoa bonita. O mais importante é que a última memória que os entes queridos tenham da pessoa faça justiça à visão idílica que cada um tem da mesma. E sei que consigo alcançar essa visão muitas vezes, porque quando o caixão se abre pela última vez vejo as pessoas a desabar em lágrimas, e não há melhor confirmação de uma memória honrada.

É uma satisfação agridoce para mim: Por um lado, são estes momentos que justificam o meu trabalho, e de onde retiro a gratidão das pessoas; por outro lado... Bom... Sinto que não é necessária explicação.

Não deixo, no entanto, de sentir que nunca é suficiente. Sei que é um pensamento egoísta, e que o trabalho que faço, apesar de ignorado, é extremamente valorizado, mas sinto sempre que não recebo validação suficiente. Dantes tinha o meu avô que, no fim de cada funeral, chegava por trás de mim e, colocando-me a mão no ombro, dizia – Bom trabalho, filho – mas depois partiu, e deixou-me sem essa pequena, mas importante, valorização. Além de me deixar a agência. Quando soube que iria ficar “ao leme” da agência tratei logo de arranjar outro “capitão”. Alguém que quisesse e soubesse lidar com as pessoas. Não é que eu não saiba, ou não o consiga, fazer. É só que a minha forma de lidar com as pessoas é muito diferente; prefiro lidar com elas quando as tenho deitadas numa mesa de inox.

É este tipo de frieza que me permite fazer bem aquilo que faço, mas que não me permite lidar com alguém que precise de consolação, ou de um ombro onde chorar. Não sou essa pessoa, e nunca procurei sê-lo. Não preciso disso, não preciso dos lamentos das pessoas, dos seus pedidos e afins. Eu sei que querem que tudo corra bem, que temos em mãos a pessoa com quem se importavam. Mas há que confiar nos profissionais, deixar cada um fazer o que sabe.

Talvez tenha sido esta a atitude que me levou a estar e a continuar sozinho. Acredito que não teria paciência para aguentar constantes discussões, fossem elas saudáveis ou não. A troca de ideias, a conversa fiada... Não é para mim. Nunca foi. E são coisas que não me fazem falta. Passo o meu tempo sozinho na minha sala, por vezes nem regresso a casa. Não há necessidade. Não tenho nada nem ninguém para onde voltar. É no trabalho que me entretenho, e é no trabalho que me sinto útil; que me satisfaço.

É claro que não sou nenhum inepto, tenho vida para além do trabalho, ainda que pouca. Frequento os cafés como qualquer pessoa. Só não o faço com frequência porque sei que muitas destas pessoas passarão pelas minhas mãos. Sei que me fará alguma confusão ver caras conhecidas na minha mesa. Talvez tenha adotado esta postura para não colocar em causa o meu trabalho. Para limitar qualquer tipo de falhas. Para não ter de sentir. Na verdade, não sei dizer, mas sei que nada disto me faz falta. Nenhum destes “extras” que a maioria das pessoas considera uma obrigatoriedade.

Podem empregar a palavra “intimidade” mas, na verdade, nem mesmo a intimidade me faz falta. Digo “intimidade” no sentido da partilha da “doença”, e não no sentido carnal. Considero o sexo uma necessidade básica do ser humano. O ser mais depravado tem apenas

uma coisa em mente: Sobreviver. E para que essa sobrevivência possa acontecer, esse ser precisa de três coisas: Água, Comida e Sexo. E esse ser depravado conseguirá o sexo, de alguma maneira, mas não terá como requisito a paixão ou a intimidade. Nem mesmo o amor. Talvez o prazer momentâneo, mas não o amor. Eu mesmo não posso dizer que já tenha experienciado o amor. Será que a maior parte das pessoas já experienciaram o amor? Não saberia dizer. Muitos afirmarão que sim, mas não sei se conseguirão justificar aquilo que afirmam sentir.

Quando se chora nos funerais, por exemplo, não creio que seja amor. Chora-se porque dói, porque custa saber que aquela pessoa com quem outrora se privou não voltará a estar presente. Mas até que ponto não é isso apenas um ato de egoísmo? As lágrimas que correm pela falta de alguém que nos trazia algo de que gostávamos, algo que já não teremos. Essas lágrimas existem com base numa relação possessiva, ainda que intrinsecamente. Nunca ninguém o admitirá, até porque nunca ninguém o põe em questão, mas a verdade é que o bendito “amor” não é aquilo que se sente, pelo menos não na sua gênese.

Tornei a divagar. A verdade é que já não tenho muito mais a dizer. Foi assim que vivi; sem ser visto e sem ser ouvido. Espero que, no fim do dia, pensem naquilo que fiz. O meu positivismo foi mais discreto que o do meu avô, mas estava presente. Em cada face que partia para o enterro partiam também as minhas melhores intenções, mesmo que em momento algum tenham sequer pensado em mim. Dou então por terminado o meu trabalho, muito por força das circunstâncias. Espero, no entanto, que se alguém se sentir, de alguma forma, lesado por mim, que esse alguém consiga encontrar as forças para enterrar qualquer assunto relacionado comigo, pois viverão melhor assim.”

– Que bela merda! – Aquilino atira as folhas para cima da sua secretária.

– Não gostaste? Tem a sua piada...

– Qual piada? Estás doido tu também?

– Piada no sentido de... Tu percebeste!

– O que é que ele queria fazer com isto?

Manuel pega nas folhas, colocando os óculos para ler o que nelas está escrito. – Queria... que fosse publicado em conjunto com a notícia da morte dele.

Aquilino ri-se – Era o que faltava! Quase não se publicou a notícia, agora ainda lhe ia publicar o manifesto. Essa é que era boa!

– Mas tens que admitir que o gajo até foi inteligente...

– Inteligente? Trabalha numa casa funerária, viola os corpos e mete o chumbo à boca quando é apanhado... Só o último passo é que me pareceu inteligente...

– Ok, mas antes de se matar escreve isto. Se chegasse a ser publicado, de certeza que iriam haver pessoas a simpatizar com ele!

Aquilino levanta-se, e retira as folhas das mãos de Manuel, colocando-as no lixo. – Nesse caso, fico satisfeito por saber que ninguém as publicará. Vens almoçar?

– Posso levar o carro?

– Não, vais no lugar do morto.

Manuel suspira, seguindo então o colega, mas não antes de lançar um último olhar àquelas folhas, que repousam agora no caixote do lixo.